

ASSUNÇÃO, Ronaldo - *Arte e experiência urbana em César Vallejo - Paris - Moscou 1923-1938*, Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2000.

Há muitos poetas latino-americanos cujas obras se encontram praticamente desconhecidas para o leitor brasileiro, embora revelem uma produção multicultural, cosmopolita e sofisticada em termos poéticos. O poeta peruano César Vallejo se enquadra neste perfil, pois, pelo simples fato de haver nascido num desses países localizados além da linha de Tordesilhas, permanece pouco divulgado entre o público que ainda teima em ler poesia. Considerado como um dos expoentes da vanguarda hispano-americana a partir de sua obra *Trilce* (1922) que provoca um efeito estético que desarticula a linguagem já desprovida de sentidos. No entanto, este reconhecimento póstumo não granjeou simpatia no Peru dos anos 20, pois, com exceção de poucos intelectuais como o cosmopolita editor de *Amauta*, José Carlos Mariátegui, a ruptura literária vallejjiana significou um choque à elite cultural limenha.

Aos que não tiveram contacto com a poesia de César Vallejo vale a pena observar que figura entre os cinco poetas mais inventivos da vanguarda hispano-americana, ao lado de Pablo Neruda, Jorge Luis Borges, Octavio Paz e Vicente Huidobro. O “mestiço” César Vallejo ao descer de Santiago de Chuco, produz seu primeiro livro – *Los heraldos negros* (1918), logo após a morte da mãe. A tensão entre a tradição e a vanguarda nesta obra mostra a busca de um estilo próprio. Foi Mariátegui quem disse que Vallejo

“rompe com a tradição cortesã de uma literatura de bufões e lacaios”¹ Seu segundo livro *Trilce* (1922) pelo caráter iconoclasta e experimental repele a relação aurática com a obra, angariando críticas desencorajadoras no Peru. Este dado, aliado a fatos biográficos de cunho político local, incitaram-no a peregrinar a Paris em busca de novos ares. Localmente o escritor andino só passa a merecer atenção, quando José Carlos Mariátegui estuda-o em *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (1928). Ao tratar do estilo vallejjiano Mariátegui ressaltou-lhe o elemento autóctone, revelando o sentimento indígena em seus textos como um empreendimento metafísico. A partir de 1923, passando fome em Paris em uma nova condição de escritor desterritorializado, Vallejo empreenderá em sua obra uma mudança de rumo, seja no aspecto discursivo, seja no que se refere a questões estéticas. Este é o objeto de estudo de Ronaldo Assunção ao analisar a arte e experiência urbana em César Vallejo.

O início da obra mostra a relação entre cidade e a poesia. O artista em geral vê no cenário urbano moderno um texto enigmático, fragmentado que desafia o poeta a decifrá-lo e a atribuir-lhe sentidos. Armazenando, entre outras, visões diferenciadas sobre a cidade como a concepção baudelairiana de transitoriedade; a borgiana como memória e reconstrução e a benjaminiana com a problematização da idéia de modernidade na estética da ansiedade, do desejo e da negação, Ronaldo Assunção traça um esboço amplo da relação entre arte e cidade ao assinalar como o espaço real cede ao desejo do artista que funda uma cidade imaginária com seus relatos e possibilidades infinitas de leituras. Segundo o autor, com referência ao poeta peruano César Vallejo, “a arte se propõe como caminho, por vezes trágicos, em ruínas le-

vada pelo desejo como ponto de partida e o presente como ponto de chegada. Não é meta”.

A seguir Ronaldo Assunção conduz seu discurso no sentido de revelar a construção simbólica da cidade de Paris como convergência cultural do Ocidente e como, a partir deste primeiro constructo, estabelece-se para muitos escritores um centro alternativo para o período de entre-guerras: Moscou. O desencanto de Paris como modelo civilizatório para Vallejo leva-o ao encanto por Moscou. A análise das três viagens a esse novo universo, estabelece um ciclo de contato com o socialismo russo, entre 1928 a 1931, como uma trajetória experimentada pelo poeta peruano, serve não só para que se reconheçam determinadas marcas na poética vallejianas, mas também para combiná-las com outras experiências de viagem que partiram, não apenas da América Latina em direção ao mundo socialista. Dentre outras obras analisadas, além do diário de Walter Benjamin, dignas de nota pelo levantamento e circulação, há a menção a Osório César, médico brasileiro que por sinal pertence ao rol dos poucos homens mais conhecidos pela fama da esposa – marido de Tarsila do Amaral -, quando descreve suas impressões de viagem em *Onde o proletário dirige* (1932), com direito a ilustrações da pintora. Merece destaque também a obra do uruguaio Emilio Frugoni *La esfinge roja* (1948) que, embora veja a experiência socialista como caminho a ser seguido (idéia já descartada por Benjamin e Vallejo) revela uma ótica dos anos quarenta, uma mistura de estilos e de “luta titânica” entre a velha e a nova ordem (p. 141).

Somente à luz deste percurso vallejianos entre Paris e Moscou, é que Ronaldo Assunção traz à baila os con-

ceitos vallejianos sobre arte e consciência política, demonstrando que, entre prática poética e teoria política, Vallejo prima por uma coerência fincada em sua época. Com a fórmula paródica: “*diga-me como escreves e te direi o que escreves*” (p. 146) o poeta peruano estabelece a utópica convicção de que artista pleno é o que consegue ser revolucionário tanto em arte como em política. Neste sentido Vallejo, embora engajado, pretendia distinguir na época entre “arte bolchevique” cujo papel doutrinário seria pragmático e temporal e “arte socialista” cujo papel seria intemporal e ainda não teria sido inaugurada até então.

No entanto, é possível assinalar que nem tudo o que disse o poeta sobre a literatura russa se pode assinar embaixo. O caráter messiânico da literatura soviética contrastaria com o experimentalismo da vanguarda? Algumas considerações surpreendentes de Vallejo, em seu livro *Arte e revolução*, por exemplo sobre Maiakóvski (“um bufão!”) ou sobre o filme de Eisenstein: “as belezas e emoções bolcheviques de *O acouraçado Potemkin...* se opacarão consideravelmente” talvez merecessem por parte de Ronaldo Assunção uma reflexão mais distanciada.

Se, por um lado Vallejo defende a transitoriedade da arte bolchevique como parte da revolução, por outro, Vallejo ataca como falsa a autonomia da arte pura burguesa cujo aparente distanciamento de interesses, realidades e formas concretas serve, no fundo e subconscientemente, a uma realidade determinada.

Embora a denominação “arte socialista”, cunhada por Vallejo tenha sofrido o desgaste irremediável do tempo, a idéia de que nasce de uma sensibilidade nova e de que seria simples e humana à primeira vista, propõe a

Ronaldo a torção lúdica de aplicar a definição à obra vallejiana e se sai bem na leitura de que “ a construção da poética vallejiana cava seu próprio buraco nos confins da língua; uma língua das cavernas, como um renegado que não se adapta ao mundo que lhe é dado.”(p. 152)

Baseando-se em dois ensaios *El arte y la revolución y Contra el secreto profesional*, Ronaldo apresenta aos leitores, não só a capacidade de reflexão de Vallejo, profundamente enraizada na desterritorialização e por isso, mesmo imersa numa versão utópica da arte, como também a consistência estética dos elementos que formularam a poesia última de Vallejo: *Poemas Humanos (1932-1938)* e *España, afasta de mi este cáliz (1939)*, ambos publicados postumamente.

Em meu ponto de vista, um dos pontos altos do trabalho de Ronaldo Assunção consiste, por um lado, na abordagem da poética vallejiana; sua visão da arte como procedimento e representação poética da complexidade do mundo, o que despertaria novas inquietudes no ser humano. Por outro, sua reflexão sobre uma das obsessões poéticas de Vallejo: o corpo, como signo de dor, física e espiritual que o atormenta. O crítico desvela a matéria corporal como auto-representação, uma matéria que se martiriza no cotidiano e que se pode comprovar nesses versos de *Poemas Humanos*:

(...)

César Vallejo ha muerto, le pegaban

Todos sin que él les haga nada;

Le daban duro con un palo y duro

También con una sogá; son testigos

Los días jueves y los huesos húmeros,

La soledad, la lluvia, los caminos...

Finalmente, caberia dizer que o fosso cultural no âmbito periférico latino-americano tende a diminuir-se com publicações desta ordem, ao permitir que autores relevantes em seus países de origem passem a ser conhecidos pelo público interessado em literatura. Desenvolve-se então no saber uma horizontalidade hemisférica sumamente salutar no campo das trocas simbólicas. Além disso, este trabalho redimensiona uma parcela desconhecida da produção de César Vallejo e a pesquisa de Ronaldo Assunção constitui uma contribuição no campo da crítica e da poesia latino-americana para o público de língua portuguesa. Neste sentido o estabelecimento dessas pontes parece ajustar mais e mais à tarefa de editoras universitárias que, a curto prazo, não poderiam subordinar-se à lógica de mercado. Por este fato já merece aplauso a editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul com a edição de *Arte e experiência urbana em César Vallejo*. Confirmam!

Alai Garcia Diniz

UFSC

Leopardi. L'infanzia, le città, gli amori. Renato Minore. Milano: Bompiani, 1999, pp. 297.

De maneira geral, o termo biografia parece poder abarcar tudo o que não seja o ápice do trabalho criativo. Mas este último também aparecerá na biografia transformado em dado. Tudo entra na biografia de um escritor, mas iluminado por uma luz que pode concentrar-se, *a posteriori*, na obra: a infância, a educa-